



MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: A HISTÓRIA NÃO CONTADA SOBRE A PRESENÇA DE NEGROS NAS ORIGENS DE VITÓRIA DA CONQUISTA- BAHIA

João Kássio Vieira Batista
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: j.k_batista@hotmail.com

Maria Aparecida Silva de Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mariacida3@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo se apresenta como um recorte do trabalho monográfico em andamento e propõe discutir a invisibilidade e o desconhecimento sobre a presença dos negros na história da cidade de Vitória da Conquista – Bahia. Para isso, são utilizados os escritos memorialistas que contribuíram para esse silenciamento, como também estudos recentes que apresentam visões diferenciadas sobre o tema e evidenciam, por meio de documentos comprobatórios, a existência de negros escravizados na região do Sertão da Ressaca. Isso denota que atualmente já é possível ter acesso aos estudos históricos que possibilitam uma compreensão mais ampla e aprofundada acerca da complexa estrutura do escravismo na história do Brasil e, especialmente, na história das áreas sertanejas que, com raras exceções, até pouco tempo eram desconsideradas nas análises sobre a escravidão. Todavia, partimos do pressuposto que a despeito desse avanço nas pesquisas, ainda perdura a visão que silencia ou minimiza a dinâmica da presença escrava nas origens da cidade. De maneira mais ampla, o estudo propõe discutir quais as referências que a população atual possui sobre a questão e como se posiciona acerca das interpretações distintas sobre a escravidão nos sertões da Bahia.

ÍNDIOS E AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO SERTÃO DA RESSACA

De acordo alguns estudos, a cidade de Vitória da Conquista, interior da Bahia, se originou a partir das buscas pela exploração do ouro comandadas pelo colonizador português João Gonçalves da Costa, que na segunda metade do século XVIII travou fortes



batalhas com a população nativa para dominar o território. Ao que parece, a busca pelo metal precioso impulsionou outras atividades que seriam exercidas por esses exploradores, dentre elas, o combate e o aprisionamento de inúmeros indígenas que seriam utilizados como mão de obra escravizada. Todavia, registros antigos sobre as incursões de João Gonçalves da Costa no Sertão da Ressaca indicam que ele já se fazia acompanhar de negros escravizados em suas atividades (SOUSA, 2001). Além do mais, é possível afirmar que mesmo antes da chegada do capitão-mor por essas terras sertanejas, as autoridades já indicavam a existência de escravos fugidos na região. É o que se depreende de um documento datado de 1727 quando Pedro Leolino Mariz, então responsável pelas descobertas de minas na região, determina a André da Rocha Pinto para conquista do território entre os rios pardo e de contas, e para isso seria necessário “encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que se opusessem à conquista, estabelecer aldeias e **destruir quilombos que fossem encontrados**” (TORRES, 1996) (grifos nossos). A rigor, o próprio João Gonçalves da Costa seria um descendente de escravos haja vista que em sua carta patente consta a informação de que seria um *preto forro*, ou seja, um escravo alforriado. A falta de dados mais precisos sobre a origem desse português dificulta conhecer mais amplamente acerca da sua trajetória antes da penetração no sertão da ressaca. Todavia, na memória e história da cidade, o colonizador aparece como um português – branco – que desbravou, lutou de maneira corajosa contra os índios *selvagens* e fundou a cidade de Vitória da Conquista. Pouco ou nada se fala acerca da resistência dos indígenas, vistos na maior parte dos primeiros escritos sobre a cidade, como arredios, selvagens, antropófagos e que atuavam como verdadeiros obstáculos para o avanço do desenvolvimento local e o estabelecimento da civilização. As populações nativas aparecem nesses escritos porque foram o alvo direto das ações dos colonizadores. Era preciso expulsá-las da sua terra, eliminá-las ou submetê-las à escravidão para que a área colonizada tivesse a função econômica desejada pela metrópole portuguesa: exploração das minas, terra e homens. (SOUSA, 2001).

Se as referências aos grupos indígenas são poucas ou enviesadas, o que dizer dos africanos escravizados e seus descendentes? Ruben Alves Sena, em seu estudo monográfico sobre a história da cidade, selecionou as três principais obras que se tornaram registros quase que oficiais sobre as origens de Vitória da Conquista. São elas:



O município da Vitória, de Tranquilino Torres (1886), *Revista Histórica de Conquista* (1992), de Anibal Viana e *Conquista, crônica de uma cidade* (1996), de Mozart Tanajura. Ao analisar tais obras, Sena conclui que é evidente como os autores manifestam, por meio dos seus escritos, uma devoção pela cidade. Isso reflete na compreensão que possuem do processo histórico e no enaltecimento de alguns personagens em detrimento de outras. Conforme observa, a despeito das contribuições fornecidas por esses pesquisadores:

Entretanto, não podemos deixar de evidenciar que tais obras também constituem-se registros que enaltecem a elite local, omitindo muitas vezes a participação de outras pessoas, grupos e etnias no processo histórico. Assim sendo, essas obras também representam e evidenciam a visão ideológica de uma sociedade restritiva (SENA, 2018, p. 10).

Para o autor, esse silenciamento em torno da presença dos negros na formação da cidade pode ser percebida também em estudos acadêmicos que tratam da região. De certo modo, com raras exceções, pouca atenção se deu sobre as condições de reprodução e de exploração da mão de obra escravizada no sertão da ressaca. No entanto, os documentos de época que registram a dinâmica da vida cotidiana do lugar, remetem para outras questões sobre o tema.

O arraial da Conquista teria se originado em fins do século XVIII, em 1810 se desmembrou da vila de Rio de Contas e em 1840 da vila de Caetité, adquirindo o *status* de Imperial Vila da Vitória. Da pesquisa em inventários, testamentos, correspondência, processos-crimes, entre outros, é possível afirmar a expressiva presença de escravos no arraial e depois vila da Vitória, inclusive nas relações mantidas no cerne da família Gonçalves da Costa. O pesquisador Washington Santos Nascimento afirma que “o processo que envolve a família Gonçalves da Costa mostra que esta família, a mais importante para a formação da cidade e da região de Vitória da Conquista, foi composta majoritariamente por negros e mestiços” (2009, p. 47).

A partir disso algumas questões sobressaem: qual o impacto que o silenciamento em torno da presença dos escravos na história da cidade tem sobre a compreensão que os habitantes possuem sobre a mesma? Mesmo depois da publicação de trabalhos acadêmicos que tratam sobre a questão, é possível afirmar uma mudança nas interpretações sobre as origens de Vitória da Conquista? Como as instituições locais de



ensino têm discutido o tema? Que contribuições podem ser pensadas e formuladas para ampliar a discussão acerca dos grupos que originariamente estiveram no processo de construção do arraial e depois Imperial Vila da Vitória, com seus conflitos e articulações?

Segundo Silva (2001), no ano de 1839, o Arraial tinha entre 8 e 10 mil habitantes. No ano 1872, de acordo com o primeiro censo demográfico do Império, a Vila possuía 18.836 habitantes, entre brancos, pretos, pardos e caboclos, livres e escravos. O levantamento mais importante realizado naquele ano no país revela uma população amplamente mestiça e alguns estudos apresentam outras perspectivas para a análise do tortuoso processo de formação da cidade de Vitória da Conquista, sobretudo no que se refere à presença expressiva de índios e negros no sertão da Ressaca (OLIVEIRA, 2012; NASCIMENTO, 2006)

Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa se sustenta na análise dos conceitos de história e de memória naquilo que podem esclarecer acerca da interação desses campos na reprodução e perpetuação de determinadas interpretações do processo histórico. Nessa direção, é preciso considerar a força da ideologia na escrita da história, bem como os lugares que ao longo do tempo se constituíram como espaços de rememoração. Para Pierre Nora,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Vale ressaltar as contribuições do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) para o entendimento das questões relativas à memória enquanto uma construção coletiva, constituindo-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos, sem perder de vista a dinâmica e as contradições desse processo de construção. A pesquisa possui um recorte regional, o que não significa, todavia, que se encerre em si mesma sem considerar as interconexões necessárias para a compreensão das relações estabelecidas entre os homens em diferentes tempos históricos (MACHADO, 2017). Conforme adverte Medeiros:



Compreender o que tem sido a história local, até mesmo para superar as formas de que se reveste, impõe adotar critérios e procedimentos de análise que extrapolam o mero conhecimento do conteúdo dos livros de história local ou de detectar os modelos de escritura dos mesmos [...] é necessário pesquisar por que certos conteúdos se repetem privilegiadamente nos textos de história e por que isso ocorre. [...] é preciso entender porque certos conteúdos são deixados de lado e se este silêncio é eloquente ou proposital, compreendendo, ante todo, o seu significado. [...] buscando interligar o sentido do uso da tradição nos textos que lê, pesquisa e estuda [...] Assim, o estudo da “historiografia local” não pode ser apenas a crítica literária do texto, mas o mérito deste em confronto com a realidade dos homens dentro do tempo e inseridos num espaço delimitado (MEDEIROS, 2013, p. 35 – 36).

CONCLUSÃO

A pesquisa busca refletir sobre as interpretações acerca das origens da cidade de Vitória da Conquista, com ênfase no silenciamento quanto à presença dos africanos escravizados e seus descendentes. Propõe-se analisar as implicações para o conhecimento histórico no que refere ao tema, bem como as razões para a reprodução de uma memória elitista que deforma e manipula o processo histórico. As conclusões são preliminares haja vista a incompletude do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; História; Memória; Vitória da Conquista-Bahia.

REFERÊNCIAS

MACHADO, A. R. A. *Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História*. ANOS 90 (ONLINE) (PORTO ALEGRE), v. 24, p. 293-319, 2017.

MEDEIROS, R. H. A. *História local e Memória: Limites e Validade*. 1. ed. Campinas: Librum, 2013.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Construindo o “negro”: lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)*. São Paulo. 2006.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História, n° 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Renata Ferreira de. *Índios Paneleiros no Planalto da Conquista: do massacre e o quase extermínio aos dias atuais*. Salvador: UFba, 2012

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na Cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)*. São Paulo. Annablume/FAPESP, 2003.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

SENA, Ruben Alves. *Escravidão e silenciamento nos escritos memorialistas sobre Vitória da Conquista-Bahia*. Vitória da Conquista: UESB, 2018 (trabalho monográfico)

SOUSA, M. A. da S. de. *A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2011

TORRES, T. *Município da Vitória*. 2.ed. Anotações de Ruy Hermann de Araújo Medeiros. Vitória da conquista: Museu Regional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO